

BREVE INSTRUCCAM PARA ENSIGNAR A DOUTRINA CHRISTAÃ. Ler e escrever aos Meninos e ao mesmo tempo os princípios da Lingoa Portuguesa e sua Orthografia.¹

Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Museu Pedagógico. E-mail: casimiro@uesb.br

Resumo

Em quase três séculos de colonização do Império Português, o Estado e a Igreja Católica atuaram conjuntamente no “mandamento” de “dilatar a Fé e o Império.” Nessa longa duração, um pensamento teológico de inspiração bíblica, patrística e escolástica serviu de fundamentação tanto para obras filosóficas, teológicas e morais quanto para os manuais de catequeses e cartilhas adotadas. Além das obras catequéticas, circularam em Portugal e nas suas colônias, algumas cartilhas e manuais de instrução destinados aos ensinamentos das primeiras letras, da religião e da aritmética. Nessas obras escolares, a parte dedicada à doutrina geralmente era bem maior do que aquela dedicada aos conteúdos culturais em geral. O documento aqui apresentado é, ao mesmo tempo, um manual de instrução para os mestres e uma cartilha com ensinamentos rudimentares da doutrina e da língua portuguesa.

Análise do Texto

Breve Instrucçam para ensinar a Doutrina christaã; Ler e escrever aos Meninos e ao mesmo tempo os principios da Lingoa Portuguesa e sua Orthografia trata-se, ao mesmo tempo², de um manual e de uma cartilha simples na sua forma, prática nos seus ensinamentos e direta nos seus objetivos. Data de 1759, autor desconhecido e está implicitamente direcionada aos mestres educadores de meninos livres. Analisando-a, constata-se uma excessiva preocupação pedagógica em ensinar aos alunos os deveres e obrigações para com a Igreja, o Monarca e a Língua Portuguesa.

Para efeito de uma análise formal, a *Breve Instrucçam* estava dirigido tanto aos mestres (manual) como aos discípulos (cartilha). Os conteúdos culturais de teor iluminista estavam distribuídos pelos ensinamentos de *primeiras letras*, *preleção aos mestres*, *ensino da doutrina*, *preleções morais* e noções gramaticais básicas.

O conteúdo cultural de *primeiras letras* estava destinado a ensinar as letras correntes romanas (a, b, c, d, e...), as letras capitais romanas (A, B, C, D, E...), as cinco

¹ Cópia manuscrita do Arquivo Histórico Ultramarino: Lisboa.

² Essas publicações naquele período tinham uma dupla função, pois era, ao mesmo tempo, manual explicativo para os mestres, mas também traziam os conteúdos de ‘primeiras letras’, aritmética e rudimentos doutrinários, para os alunos.

letras vogais (a, e, i, o, u, y). Da mesma maneira, a constituição de sílabas com duas e três letras e de nomes, por meio de exercícios repetitivos. Destinava-se ainda a ensinar acentos, pontuação, abreviatura e apóstrofe. Alcançado o objetivo dessa parte do conteúdo cultural de “primeiras letras,” a meta seguinte era direcionar o ensino para os exercícios de leitura para a aprendizagem da doutrina cristã, segundo a diretriz:

Dilatar os meninos nos nomes parece-me que não é mais útil julgando mais acertado ensinar-lhes o Padre Nosso, e mais orações que assim se irão juntamente fazendo práticos na doutrina cristã, e cientes no ajudamento das letras, boa pronúncia das dicções que é o que nas escolas se procura (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p.5).

Na *preleção aos mestres* buscava enaltecer seus papéis do mestre na preservação de “representações ideológicas” como a Fé e o Império, materializadas no temor a Deus e na obediência ao Rei.

É inegável que os MM. das Escolas exercitam a ocupação mais nobre, e mais útil ao Estado, e à Igreja; porque eles são quem nos infundem no espírito as primeiras Imagens, e os primeiros pensamentos, que devemos ter do Santo temor de Deus da obediência ao Rei e aos seus Ministros respectivos; do amor e respeito aos nossos maiores; do afeto necessário à pátria, e aos interesses da Monarquia (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 5).

Destacava ainda a importância dos mesmos na formação do indivíduo, segundo o respeito com o Estado e com a Religião, e segundo a brandura e a modéstia com os seus discípulos.

São os M.M. nas Escolas os que nos dão as primeiras idéias do equilíbrio que devemos guardar nas nossas ações, para que estas não sejam abomináveis ao Estado nem escandalosas à religião cristã, que professamos, é os que nos radicam os princípios desta tão ditosa mente a Alma unidos que se fazem dela inseparáveis. São os mais amantes da república [coisa pública], e os mais estimados nela; porque tantos são os discípulos que conservam, quantas as pessoas, que os estimam, que os amam, [...] o medo do castigo não faça odiar o caminho da escola, nem a falta de correção os deixe esquecer do respeito que devem conservar a quem os ensina. Devem, porém, atender à curta compreensão que é natural aos meninos para a proporção desta espaçarem as Lições (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p.6).

Entretanto, ao lado de uma “pedagogia da bondade com autoridade” quando for comprovado caso de preguiça, aos mestres cabiam fazer golpes da disciplina ou da palmatória. Pois, a “[...] repreensível preguiça é a culpada nos seus erros, e não a rudez das crianças a cúmplice da sua ignorância” (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p.6).

O ensino da doutrina partia do “princípio da ciência é o temor de Deus.” Para isso, incumbia-se aos mestres colocar na sua sala de aula uma imagem de um crucifixo e aos alunos entrarem na sala de aula de joelhos e fazendo sinal da cruz. Uma vez que “[...] o

sinal da santa cruz é a arma mais forte para destruir as tentações do inimigo comum,” o demônio. O manual orientava aos mestres que o pior dos pecados era a desobediência.

O ensino da doutrina estendia-se aos ensinamentos de orações (pai nosso, ave Maria e o credo); dos sacramentos (batismo, confirmação, comunhão, penitência, extrema-unção, ordem, matrimônio); do mistério da Santíssima Trindade e da virgindade de Maria, e os pecados mortais. No período colonial, os ensinamentos de orações ganharam “força de lei,” a partir das disposições do Concílio de Trento e das normas das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. A fé, a esperança e a caridade correspondiam às virtudes teológicas que os alunos precisavam aprender.

Fé é crer aquilo que Deus disse, como ele o disse e ensina a Santa Igreja. Esperança é ter uma esperança certa de que Deus nos há de Salvar, fazendo-nos de nossa parte a diligência precisa para adquirirmos o benefício da Sagrada Glória. Caridade é amarmos aos nossos próximos com o mesmo desvelo; e com o mesmo cuidado com que amamos a nós mesmo (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p.18).

Porém, torna-se visível a discrepância entre o ensino rudimentar preconizado em *Breve Instruçam* e o conteúdo cultural do ensino da doutrina. Assim sendo, os ensinamentos das virtudes teológicas, pelo seu caráter abstrato, podiam estar para além da capacidade de compreensão do aluno. Na ausência do entendimento entre ensinamentos das primeiras letras e capacidade de compreensão do aluno, outras exigências faziam-se presentes, a exemplo da aprendizagem de atitudes de veneração.

[...] a veneração que devem ter às cruces, por serem figura daquela em que padeceu morte afrontosa o nosso Redentor, e nesta derramou seu preciosíssimo sangue para nos salvar. E quando apanharem algum menino em mentira o castiguem afeiando-lhe a mentira, assim como por ser contra o Criador como contra as criaturas mostrando-lhe quanto se faz o sujeito mentiroso e indigno do comércio das gentes, e inteiramente intratável de todo o homem honesto (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 8).

As preleções morais intencionavam “formar” o bom católico e o bom cidadão que tinha deveres com Estado e com a Igreja, e obrigações com o trabalho, e seriam recompensados com “direito” futuro à vida eterna.

[...] como V.g. já conheceis as Letras, já sabeis as sílabas, e as palavras; é necessário agora aprender as letras, e a juntá-las com perfeição, trabalhai com desvelo para serem bons católicos, bons cidadãos, e para ordenadamente poderdes manejar as vossas dependências. Principiai a usar da vossa razão, e concebei que Deus vos criou para o conheceres, para o amares, para o servires, e para gozardes da vida eterna (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 25).

[...]

Nasceu o homem para o trabalho, assim como nasceram as aves para voarem; aquele que não quer o trabalho proporcionado às suas forças, e

às suas qualidades, é indigno do sustento com que se nutre; aquele que é ocioso na mocidade, trabalhará na sua velhice. Não sabeis meus amados Discípulos se a vossa vida será breve, ou dilatada; trabalhai como quem há de viver longo tempo, e vivei como quem imagina de instantaneamente poder ir dar contas ao Criador (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 28).

A essência pedagógica de *Breve Instrucçam* correspondia e inteirava-se com a própria essência cristã da sociedade estudada. Assim sendo, aos mestres cabia ensinar aos alunos a ter respeito e gratidão aos pais, aos superiores e aos benfeitores. Considerando a rígida estratificação e a polarização social entre os “superiores” e “inferiores” eram punidos aqueles em caso de desrespeito aos superiores.

Tendo sempre na memória o respeito que deveis ter a vossos Pais, e aos vossos maiores, e aos vossos benfeitores. Um homem sem obediência, Vossos Pais vos deram o ser e que tem tido grandes fadigas para vos porem no estado em que existis. Reparai no grande trabalho que destes a vossas mães enquanto aos peitos vos nutriram, no tempo em que não podíeis andar, nem vos sabíeis vestir, nem podíeis explicar os vossos sentimentos. Vossos Pais vos preveniram das incalamidades do tempo, talvez que apesar das suas impossibilidades vos vestiam e sustentavam (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 26).

Nas preleções morais da manual/cartilha deviam os mestres incentivam-se o “saber ler e o saber escrever,” como sendo valor de homem honesto.

Tem geral estimação o homem honesto, que fala com acerto, que lê com desembaraço, e que escreve com perfeição; porque das certezas infalíveis, que foi bem educado. Aquele que carece destas circunstâncias é visto como sujeito inerte; servem a suas vozes de assunto para o escárneo, para a zombaria, e para o desprezo. Aquele que não sabe ler passa a metade da vida cego, e para poucas coisas é capaz o homem que não sabe ler ou escrever (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 27).

A *Breve Instrucçam* completava os conteúdos culturais de primeiras letras com os ensinamentos das “nove vozes” (as categorias gramaticais) que seriam artigo, substantivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, orientados para o aprender a falar bem. A arte de falar como a mais nobre e a mais útil exigiam que o aluno aprendesse com propriedade as “nove vozes.”

Uma voz, ou uma dicção são muitas sílabas juntas, que fazem um sentido distinto e separado; como v.g. penna, tinta papel, obreas. Todos os discursos são compostos, e ordenados de diferentes termos, que se reduz a sua diversidade e no abreviado número de nove a que podemos chamar com propriedade de instrumentos da Língua que falamos. É certo que não há Mestre ou oficial de qualquer arte nobre, ou ofício mecânico, que não conheçam os instrumentos precisos para a sua arte, ou ofício, pois não será vergonhosíssimo a um homem, ignorar os instrumentos da arte de falar, que é a arte das artes, e a arte mais nobre mais útil, e mais precisa para o comércio humano (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 28).

O acento posto no bem falar era próprio de um tempo em que a cultura da oralidade sobrepunha-se à cultura da escrita. Ao mesmo tempo, a preocupação com o “bem falar” estava relacionada com aprendizagem instrumental da língua [materna] portuguesa.

É moralmente impossível saber bem a ortografia, ignorando os primeiros princípios da língua em que se escreve. Os primeiros princípios da Língua são as declinações e as conjugações dos verbos: e é coisa bem lamentável que para aprendermos a Língua Latina, a Língua Francesa, ou Italiana, que são hoje as mais vulgares, principiemos declinando nomes, conjugando verbos, e que os não saibam os mais dos homens fazer na Portuguesa, sendo a matéria que devemos estudar com todo o desvelo para podermos falar com perfeição [...] Quando um sujeito está inteiramente senhor da variedade das sílabas e da diversidade de todos os tempos dos verbos; tem vencido uma grande parte da ortografia porque não pode escrever com erros nas dicções, que o não tem na pronúncia das sílabas. Julgo melhor e mais fácil modo de bem saber ler, escrever a nossa língua, usar deste método nas escolas porque o primeiro leite familiariza-se com os indivíduos, e é muito natural que se leve à tumba aquilo que deixa o berço; rezam porque em todas as nações cultas se está hoje ensinando a ler, ainda de baixo de preceitos mais ásperos que estes [...] (BREVE INSTRUCÇAM, 1759, p. 46- 49).

Os mestres, no cumprimento dos ensinamentos desses conteúdos culturais de teor iluminista, estavam a serviço de Deus e da coisa pública “[...] que é aquilo a que todos devemos aspirar, os que quisermos viver como homens, como católicos de que nos devemos prezar como racionais.” A aprendizagem das primeiras letras simbolizava saber viver com fé, com racionalidade e com familiaridade com a Língua Portuguesa.